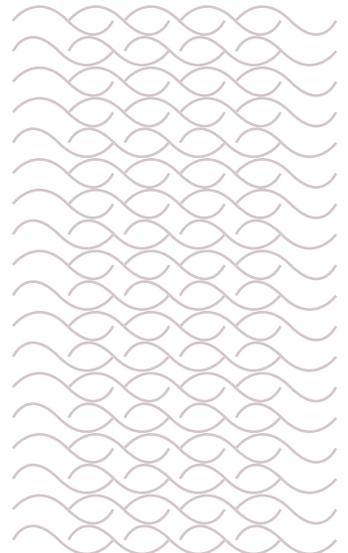


DOSSIÈ



Modelos, moldes, medidas.

A construção dos “modelos” para Flusser

Models, molds, measures. The construction of “models” for Flusser

Modelos, moldes, medidas. La construcción de “modelos” para Flusser

Roberta Dabdab

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCS

<obertadabdab.9@gmail.com>

Diogo Andrade Bornhausen

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

<diogobornhausen@gmail.com>

Resumo

Este artigo pretende apresentar a articulação proposta por Vilém Flusser para modelos de pensamento científico. Através de uma abordagem arqueológica e antropofágica, o autor concebe uma rica reflexão sobre os modelos propostos pela ciência, complexificando-os e nos desafiando a pensar sobre sua estrutura autoritária e tautológica. Para tal, foram selecionados artigos e aulas sobre o tema, publicados e ministradas durante os anos 1960 e 1970. Conclui-se que sua teoria sobre os modelos traduz uma perspectiva radical na construção de uma política para a realidade que amplia o acesso à intersubjetividade, conceito definitivo de comunicação para Flusser.

Palavras-chave: Modelos de Pensamento. Vilém Flusser. Modelo intersubjetivo. Realidade. Ciências Arqueológicas.

Abstract

This article intends to present the articulation proposed by Vilém Flusser for models of thought. Through an archaeological and anthropophagic approach, the author conceives a rich reflection on the models proposed by science, complexifying them and challenging us to think about their authoritarian and tautological structure. For this purpose, articles and classes on the subject were selected, published and taught, during the 60s and 70s. It is concluded that his theory about models presents a radical perspective in the construction of a policy for reality that expands the access to intersubjectivity, Flusser's communication concept.

Keywords: Models of Thought. Vilém Flusser. Intersubjective Model. Reality. Archaeological Sciences.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar la articulación propuesta por Vilém Flusser para modelos de pensamiento. A través de un enfoque arqueológico y antropofágico, el autor concibe una rica reflexión sobre los modelos propuestos por la ciencia, complejizándolos y desafiándonos a pensar en su estructura autoritaria y tautológica. Para ello, se seleccionaron artículos y clases sobre el tema, que se publicaron durante los años 60 y 70. Se concluye que su teoría sobre los modelos traduce una perspectiva radical en la construcción de una política para la realidad que amplíe el acceso a la intersubjetividad, concepto de comunicación para Flusser.

Palabras clave: Modelos de pensamiento. Vilém Flusser. Modelo intersubjetivo. Realidad. Ciencias Arqueológicas.

“Os senhores vão, obviamente, como é já o seu costume, pedir que lhes tire uma saída dessa situação da minha manga qual mágico de teatro. Não a tenho, a não ser talvez esta: recusemos “*in toto*” as solicitações comovidas dos cientificismos pré-fabricados *ad hoc*, e abramos, portanto, mão de uma cosmovisão abarcadora... E tentemos, simultaneamente, compreender que a ciência pura não nos diz existencialmente tanto respeito quanto talvez pensamos. Procuremos uma posição da qual poderíamos talvez lançar-nos contra o progresso da ciência aplicada sem recurso exclusivo à ciência pura. Procuremos, em outras palavras, combater em nós a preponderância que a ciência ocupa em nossas mentes. Redescubramos as outras fontes da existência, soterradas pela avalanche da ciência e de seus argumentos. Sei que a minha recomendação é pouco satisfatória e muito difícil a ser seguida. Mas confesso que não tenho outra.” (FLUSSER, s.d-1, p. 112).

Foi com a fala acima que Vilém Flusser terminou uma de suas aulas ministradas no Instituto Brasileiro de Filosofia em 1965. De forma precursora, o filósofo da comunicação e da cultura, algumas décadas depois reconhecido mundialmente como um pensador que reflete de maneira provocadora e perspicaz o ser humano com os meios, a cultura, o lixo, a sociedade – isto é, nosso entorno e nós – vai apontando para outros horizontes, desestruturando a linguagem científica da tradição mais rígida. A partir de que ponto de vista, como reflete Baitello.

Vilém Flusser era um antropófago da melhor estirpe, devorou a cultura brasileira da mesma maneira como a cultura brasileira devorou as culturas que aqui aportaram...

Não pude conhecê-lo pessoalmente em sua imponente e impressionante gestualidade que se fez lenda, uma gestualidade vocal, corporal e de ideias, ideias performáticas. E pode-se dizer que era um brasileiro absolutamente típico. [...] Vilém Flusser era um antropófago da melhor estirpe, devorou a cultura brasileira da mesma maneira como a cultura brasileira devorou as culturas que aqui aportaram... Foi o olhar do antropólogo que fez Flusser enxergar muito à frente o cenário futuroológico que apenas se descortinava. (BAITELLO, 2010, p. 49).

Seu olhar arqueológico e antropofágico sobre os modelos praticados pela ciência, este será o foco central do presente artigo, em especial sobre os modelos da ordem político-social. Para isso, vamos percorrer os artigos escritos por Flusser sobre a ciência e seus modelos nos anos 1960 e 1970: “Modelos Mudam”, “A Verdade dos Modelos I e II”, “A Ciência na Nossa Situação”, “Enjaulado nas Coisas”, “A Consumidora” e “Fenomenologia”, todos eles encontrados no Arquivo Vilém Flusser São Paulo.¹ Neste escopo conceitual, também utilizaremos seu livro *Até a Terceira e a Quarta Geração*, publicado originalmente em 1966 e reeditado em 2017.

1. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>

1. Encontrar-se ou ir para fora da matrix

Para começar, a origem etimológica da palavra modelo vem do latim vulgar, *modellus*, forma diminuta de *modulus*, e que é ainda diminuta de *modus*. Na Idade Média aparece no francês como *moule*, no inglês como *mould* e no alemão como *mold*; ambas significam molde, em português. Já no Renascimento italiano, séculos XIV a XVI, aparece *modello*, que em francês torna-se *modèle*, em inglês *model* e em alemão *modell*, que significa modelo, em português (SILVA; CATELLI, 2019).

O destaque aqui é de perceber de forma curiosa como, no decorrer da história, a palavra modelo foi sendo “moldada” e se tornou polissêmica, adquirindo diferentes atribuições e valores, simbólicos e matemáticos.

Voltando a Flusser, parece-nos claro que sua análise sobre modelos aponta para a contradição existencial deste mecanismo – elaborado pela ciência, que é pensada por nós – que modela a nossa cosmovisão, ao mesmo tempo que é “modelado” por ela; portanto retoma aqui a questão da circularidade e do movimento contínuo e sistêmico já explorado em seus três reinos:² natureza, cultura e lixo.

A nossa cosmovisão, isto é, a maneira como vislumbramos a nossa situação é profundamente informada pelas ciências, embora geralmente por ciências ultrapassadas e popularizadas. A nossa cosmovisão é em grande parte resultado de um pseudo cientificismo vulgar e barato. É, portanto, necessário distinguir entre a cosmovisão da ciência e a cosmovisão desse cientificismo. (FLUSSER, s.d-1, p. 104).

A partir daqui, Flusser recorre ao pensamento arqueológico para apresentar a problemática da ciência e explicar o cientificismo e o porquê de ele estar totalmente desacoplado da realidade, a qual se propõe “explicar” e “manipular”.

Para o autor, o cientificismo é resultado de um raciocínio construído de um ponto de vista antropocêntrico – considera o ser humano como medida e centro de todas as coisas – e mantido de maneira tautológica principalmente a partir da Idade Moderna até nossos tempos. O cientificismo desconsidera o ambiente.

Historicamente, foi a partir do Renascimento que o argumento da ciência mudou.

Esta modificação do caráter do argumento é consequência de uma modificação das sentenças interrogativas das quais o argumento brota. Interrogar, perguntar, é o movimento pelo qual a existência se lança contra a sua situação para apreendê-la, compreendê-la e modificá-la. Depende por tanto da maneira como a existência se encontra, (“*sich-befindet*”). [...] encontrava-se a sociedade ocidental dos séculos 15 e 16 num encontro consigo mesmo, (“*Befindlichkeit*”), e num clima (“*Stimmung*”) que o termo “dúvida” caracteriza. Não era uma dúvida como a nossa, a saber, uma dificuldade de encontrar-se a existência a si mesma. Não duvidava que existia. A dúvida renascentista duvidava da situação na

2. Para uma melhor compreensão sobre o tema dos 3 reinos de Flusser, ler artigo “As crateras de Itabira. Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Gêiser sobre Ecologia” (DABDAB; BAITELLO JUNIOR; MENEZES, 2020).

qual se encontrava, já que se encontrava indubitavelmente nela. A dúvida renascentista era um movimento centrifugal, e dirigia-se da existência para a sua circunstância, do homem para o mundo. (FLUSSER, s.d-1, p. 140).

Com sua abordagem arqueológica e escavando os diálogos entre o homem e o entorno, Flusser apresenta de forma bastante precisa o processo de consolidação da dúvida indubitável cartesiana – “cujos últimos instantes presenciamos” – e que reflete uma fé indubitável, a mesma desempenhada pela fé em Deus em épocas anteriores, e que resulta em mentalidade e civilização “idealista”; fantasiosa, romântica (FLUSSER, s.d-5, p. 69).

**Sociedade de Consumo;
tal denominação é para
Flusser, “um chavão
criado para poluir a
atmosfera mental e
sufocar nosso intelecto”.**

Este tipo de dúvida muito curioso, porque des-existencializante, projetava a dúvida da existência para o mundo, objetivava a dúvida para torná-la inócua e minimizá-la. Criou assim um abismo entre existência e circunstância, entre homem e mundo, e transformou o homem em sujeito e o mundo em objeto. [...] Somos a primeira geração a testemunhar isso. (FLUSSER, sd-1, p. 105)

A dúvida objetivada, como já mencionamos, não olha para o ambiente; desta forma, a ciência decorrente dela não espelha a natureza e se mantém através de uma ontologia antropocêntrica, concebendo a realidade somente através de conceitos antropocêntricos. Assim, toda a ciência praticada a partir do século XV, consolidada na Idade Moderna e vigente até agora, se estrutura de forma hegemônica na separação entre sujeito e objeto e no recalque da dúvida.

No início da Idade Moderna, ciência significava explicação de algo. É, portanto, uma sequência de sentenças verdadeiras. No fim da Idade Moderna ciência significa manipulação de algo. É, portanto, uma sequência de sentenças que são modelos de comportamento. De busca da verdade transforma-se a ciência, paulatinamente, em manual de técnica aplicada. Em suma: arte é melhor que verdade. (FLUSSER, 2017, p. 167).

Flusser complementa que foi na segunda metade do século XVIII, no período romântico, que o homem, mais orientado pela linguagem científica, se posicionou mais distante do seu entorno e passou a engajar-se em valores e formas – medidas, moldes, modelos de ideias e objetos. Assim reprimiu ainda mais o problema.

E como consequência chegamos ao “absurdo” completo, por exemplo, de um modelo de sociedade orientada para a produção e o consumo, a chamada Sociedade de Consumo;

tal denominação é para Flusser, “um chavão criado para poluir a atmosfera mental e sufocar nosso intelecto” e que nos desorienta para o entendimento da realidade.

Não se pretende negar, com tais afirmativas, que o consumo efetivamente representa um problema central da atualidade. Apenas parece a uma observação mais emancipada de chavões que o problema do consumo é exatamente oposto ao sugerido pela expressão “sociedade de consumo”. O que tal observação constatará não será apenas o fato óbvio que a geração atual consome mais que as precedentes e que gasta mais tempo em tal empresa, mas também é outro fato que a geração atual não é capaz de consumir uma parte considerável dos produtos (materiais e ideias), que sobre ela se precipitam, e que é este segundo fato que representa o verdadeiro problema do consumo. De modo que uma expressão mais adequada à captação da situação seria “sociedade impotente para o consumo”. (FLUSSER, s.d-3, p. 126).

Outro exemplo do modelo do “absurdo” existencial do homem é a situação que Flusser descreve em uma de suas aulas no IBF em 1965, “Enjaulado pelas coisas”.

Era óbvio, logo no início do nosso esforço, que a nossa situação tem aspectos geográficos e históricos, que o termo “aqui” e o termo “agora” sugerem. Procuramos, portanto analisar estes dois aspectos. A nossa situação se nos afigurou como historicamente condicionada, no sentido de pré figurada. Ao nos encontrarmos a nós mesmos, encontramos simultaneamente uma situação determinada. Esta “*Befindlichkeit*” na qual nos encontramos é vivenciada por nós como uma espécie de jaula que nos prende, e da qual conduzem determinados canais pelos quais podemos tentar projetar-nos para fora da jaula. Uma consideração desta jaula revela que ela consiste de coisas que nos barram o caminho. (FLUSSER, s.d-6, p. 65).

E como dedução da circunstância acima, Flusser se pergunta: o que significa a afirmativa “que nos encontramos”?

O termo “encontrar-se” faz parte da conversa cotidiana e não nos damos conta do seu significado. Uma tomada de consciência exige um esforço, e é justamente este esforço que é o significado do termo “encontrar-se”. Estamos aqui reunidos e seguindo este curso justamente para encontrarmos-nos a nós mesmos. [...] A situação dentro da qual fomos lançados, solicita insistentemente os nossos apetites e dispersa constantemente a nossa atenção, evitando que nós nos encontremos a nós mesmos. As coisas que nos cercam formam uma massa pegajosa que nos prende para determinar todos os nossos movimentos. (FLUSSER, s.d-6, p. 67).

Os dois cenários “desenhados” por Flusser, “Enjaulado pelas coisas” (1965) e “A Consumidora” (1972) sinalizam para a falência completa e absoluta do modelo ainda

vigente de uma ciência aplicada e para a urgência/importância de “nos encontramos” fora deste modelo.

2. Medida; Molde; Modelo

Modelos são conjuntos de sentenças que servem de padrões de comportamento. Se resolvo aceitar um determinado modelo, posso me orientar nele. Posso orientar o meu comportamento dentro dele. É isso que a ciência vem fazendo no curso da Idade Moderna. Vem fornecendo modelos. É isso que temos em mente ao dizer que a ciência funciona. Mas é exatamente isso que mira a magia. Fornecer modelos de comportamento. (FLUSSER, 2017, p. 173)

O absurdo humano de “ek-sistir”, desencadeado por uma religiosidade nos apresenta uma realidade que, porque achamos tratar-se de algo externo a nós, procuramos não a digerir, mas sim encobri-la, vulgo, produzir recalque.

Para Flusser, a “esquizofrenia” inicial da Idade Moderna, a divisão da realidade entre “coisa pensante” e “coisa extensa” resultou em niilismo no começo do século XX (2017, p. 159) e exemplifica citando o ano de 1940.

Surgiu 1940. Já não restava outro recurso. Era preciso encarar o abismo do absurdo, dentro do qual os acontecimentos nos projetaram impiedosamente. Os anos seguintes passaram como que em pesadelo. Todos os acontecimentos careciam do estampo da realidade. Hitler em Praga, Ribbentrop em Moscou, Paris ocupada, crianças espetadas, experiências científicas com gêmeos congelados, fornos, câmaras

de gás, tudo isso não passa de fantasmagoria. Não participa daquilo que podemos chamar de “realidade”. Mas o que podemos chamar de realidade, senão isso? Não é exatamente isso que é a realidade, embora nunca quiséssemos admiti-lo? (FLUSSER, 2017, p. 164).

Quando nosso autor diz que a teoria nazista é consequência do cientificismo, que a práxis nazista é o primeiro exemplo do funcionamento do “aparelho” e quando, em um dado momento, Flusser equipara e aproxima os aparelhos nazista e marxista, ao considerá-los ambos como religiões, ele “traz à tona” uma reflexão de extrema potência sobre modelos (cf. FLUSSER, 2017, p. 153).

Esta reflexão passa por admitirmos que o absurdo das cenas ocorridas em 1940 e apresentadas na citação acima são de certa maneira consequência do pensamento de nossos antepassados, e que a história condiciona a vida do indivíduo e do grupo. E que as realidades precisam ser encaradas e digeridas (cf. FLUSSER, 2017, p. 165).

Resumindo, o absurdo humano de “ek-sistir”, desencadeado por uma religiosidade nos apresenta uma realidade que, porque achamos tratar-se de algo externo a nós, procuramos não a digerir, mas sim encobri-la, vulgo, produzir recalque.

O cientificismo demonstra como o humanismo é um tipo de religiosidade que não nos diz mais respeito. É verdade que a ciência teórica continua se desenvolvendo automaticamente e sem respeito por decisões de nossa parte. Este é um dos aspectos dramáticos da situação na qual estamos. E não é menos verdade que os diversos cientificismos, inclusive o marxismo, fascismo, liberalismo, continuam atuando poderosamente. (FLUSSER, s.d-6, p. 70).

Em seu artigo “Modelos Mudam” – originalmente uma palestra dada na Faculdade de Comunicação da NYU em Buffalo, nos EUA, no início dos anos 1970 –, o autor vai evidenciar, dentre os vários critérios para classificar modelos, três deles; Flusser propõe uma classificação triádica para analisar os modelos propostos pela história.

Primeiro critério: *dimensão*. (1) Modelos lineares, por exemplo descrições, equações e curvas. (2) Modelos planos, por exemplo mapas geográficos e desenhos de aparelhos. (3) Modelos tridimensionais, por exemplo casas-miniatura e estruturas de arame com bolas modelando estruturas de molécula. Toda vez que muda a dimensão do modelo, muda a cosmovisão. [...] Segundo critério: *dinâmica*. (1) Modelos sincrônicos, por exemplo mapas anatômicos e mapas políticos. (2) Modelo diacrônico, por exemplo modelos plásticos de organismos com órgão substituíveis e série de mapas históricos. Toda vez que muda a dinâmica dos modelos, muda a cosmovisão. [...] Terceiro critério: *perspectiva*. (1) Modelos objetivos. (projetados de um ponto de vista que transcende o fenômeno). (2) Modelos subjetivos. (projetados de um ponto de vista de quem enfrenta o fenômeno). (3) Modelos intersubjetivos. (projetados a partir do concreto estar-no-mundo humano). Na nossa tradição, modelos objetivos (por exemplo os da ciência), e modelos subjetivos (por exemplo os da arte) se completam para resultar em nossa cosmovisão. (FLUSSER, s.d-7, p. XX).

Aqui nos interessa destacar o critério da “ótica” dos modelos. Flusser, afirma que provavelmente a totalidade dos modelos de conhecimento propostos pela ciência é do tipo “objetivo”, isto é, do ponto de vista de um marciano olhando para a circunstância. A partir de tal perspectiva, o mundo é visto e modelado como contexto composto de objetos. (FLUSSER, s.d-7, p. 2).

E complementa: “a elaboração de novos modelos é problema técnico e problema de ponto de vista e que elaborar novos modelos é uma atividade humana revolucionária” (FLUSSER, s.d-7, p. 2).

Já falamos que a separação “sujeito-objeto” tornou-se impraticável e esse tipo de modelo objetivado pela ciência e estruturado em linguagem científica nos parece o tipo de modelo que mais aliena para a realidade. Flusser confirma:

Faz surgir a suspeita que modelos objetivos deformam de alguma maneira o fenômeno a ser compreendido, (e manipulado). E há outra suspeita, talvez ainda mais perturbadora. Possivelmente o próprio modelo interfere no fenômeno a ser modelado, de maneira que o próprio fenômeno se deforma para adaptar-se ao modelo. A relação entre modelos econômicos, políticos e sociais de um lado, e a realidade a ser por eles modelada, é um bom exemplo disto. (FLUSSER, s.d-7, p. 84)

**Foi no Romantismo
que um “olhar”
subjetivo e egocêntrico
se estabeleceu, um
modelo que buscava o
homem realizar-se nele
instrumentalizando a
natureza, dominando-a;
propõe transformar
natureza em instrumento
do homem para servirem
à vontade humana.**

O desenvolvimento da ciência e seus conceitos começava a resultar em máquinas e instrumentos que manipulam de forma constante e ininterrupta, a natureza.

[...] tornava-se óbvio que a natureza como mecanismo não era uma realidade, mas um modelo nem sempre adequado àquilo que ainda estava sendo vivenciado como realidade, embora de maneira muito problematizada. O modelo não explicava essa realidade problemática e falhava especialmente naquilo que atualmente chamamos processo. (FLUSSER, s.d-1, p. 106).

Foi no Romantismo que um “olhar” subjetivo e egocêntrico se estabeleceu, um modelo que buscava o homem realizar-se nele instrumentalizando a natureza, dominando-a; propõe transformar natureza em instrumento do homem para servirem à vontade humana. Podemos dizer que a decorrência direta desse ponto de vista, isto é o modelo romântico, para o presente é o Antropoceno e todos os seus “absurdos” consolidados na cartografia do planeta Terra.

Graças a esta transformação são satisfeitos desejos e criados novos desejos a serem satisfeitos e esta dupla característica cria no homem a sensação ambivalente de satisfação e insatisfação chamada “desenvolvimento”. Nesta primeira fase é o homem um fator decisivo no planejamento e na execução da transformação da natureza, ele é, portanto, produtor e consumidor simultaneamente. Se olharmos um pouco mais cuidadosamente a sua função produtora, verificaremos que ela se desindividualiza e especializa progressivamente, o que a problematiza. Mas a ciência ainda não é vivenciada como o processo automático que ela é no fundo. Na segunda fase da transformação da natureza em conjunto de instrumentos que se inicia atualmente nos países mais desenvolvidos, o homem é eliminado do processo produtor, e também do processo de planejamento, e passa a ser funcionário passivo da tecnologia. O progresso desumanizou-se. O clima que surge de situação assim é o clima do absurdo. (FLUSSER, s.d-1, p. 107).

A frase “o progresso desumanizou-se” explica que o gesto humano (progresso) não tem mais o humano. Ora, isso significa que o aparelho olha apenas para uma realidade que é idealizada pelo próprio aparelho e nada disso é ficção e sim cenário que podemos associar ao conceito de absurdo³ muito bem referenciado por Camus e o mito de Sísifo. E o absurdo continua graduando nossa existência, como aponta Baitello Junior:

A crença de que há uma única ciência, neutra e desinteressada, acima do bem e do mal, propalada desde os séculos das luzes como caminho inexorável da verdade, há muito caiu por terra. Servir a interesses específicos, a senhores e detentores de aparelhos poderosos, já se tornou uma evidente imagem do século XX, desde o momento em que se tornam públicos os escândalos da pesquisa financiada pela indústria tabagista para converter as descobertas médicas dos malefícios causados pelo vício ao tabaco. [...] Hoje há um sem-número de financiadores de pesquisas aparelhadas. Desde aquela financiada pelas empresas de novas tecnologias de comunicação até aquelas associadas à produção de alimentos industrializados, sem nos esquecermos da chamada “revolução verde”, onda mundial que potencializou a produção de alimentos associados ao aumento exponencial do uso dos agrotóxicos. Também é notório o investimento em pesquisas “lucrativas” e o conseqüente desinvestimento em pesquisas de produtos que tragam menos custos para seus usuários. A indústria farmacêutica é conhecida mundialmente por praticar uma ciência aparelhada. Também o fazem “cientistas” a serviço da indústria de morte, da guerra e dos armamentos letais. Igualmente o fazem aqueles que são pagos para duvidar “cientificamente” dos alarmes de há décadas sobre a catástrofe climática no planeta. (BAITELLO JUNIOR, 2019, p. 65).

A ciência vulgarizada segue a orientação da indústria e das corporações e propõe modelos claramente voltados aos seus interesses. Para Flusser, a crise – novo ponto de vista relativo ao mundo – motiva a elaboração de novos modelos (Modelos Mudam), mas também segundo ele: “Todo modelo reclama para si a validade total, isto é, todo modelo é autoritário”. (FLUSSER, 2017, p. 175).

Importante considerar também o impacto e as sequelas que os modelos provocam apontados por Bornhausen: “a preponderância do imediatismo sob o pesado jugo da perda de dimensão histórica, a privação da compreensão do estar no mundo e a abstração da corporeidade, em sua capacidade imaginativa e construtora do saber”, vai gerar um cenário de evidente incerteza: “considerando que cada época possui os seus modelos de pensamento, poderia se afirmar que a memória, sob tais condições, gera um modelo em crise. Uma crise entre o que se diz ofertado em confronto com o que é praticado” (BORNHAUSEN, 2016, p. 122).

Flusser nos lança à nossa própria sorte com perguntas.

3. Em relação ao conceito de “absurdo”, para Kierkegaard refere-se a um conflito ideológico entre a tendência humana de buscar significado inerente à vida e a inabilidade humana para encontrar algum significado. Ou seja, o absurdo é o que não nos faz sentido, ou que nos é contraditório.

Devo resistir a esses totalitarismos. Por quê? Para conservar a minha liberdade fútil de saltar por entre modelos. Devo procurar manter aberta a minha escolha de modelos. Por quê? Não sei responder a esta altura, a essa pergunta. Mas já sinto, dentro de mim, que essa decisão em prol da possibilidade de decisão é fruto de uma mentalidade nova. (FLUSSER, 2017, p. 176).

A Idade Moderna foi a responsável pela cosmovisão “delirante” do estar aqui agora que vê, sente, interpreta e manipula seu entorno, sua realidade, seus objetos de uma forma totalmente dogmática; pelos dogmas do cientificismo. E complementa: “e que, como procura da realidade, é a Idade Moderna tempo perdido”

3. A consciência da realidade

Sabendo já que a relação do homem com seu mundo da vida é moldada pela ciência e pela filosofia e que ambas foram contaminadas por narrativas tau-tológicas e subjetivas, Flusser nos desafia a largar a modernidade e renovar o contato com a plenitude da realidade, rumo “às coisas mesmas”.

Realidade é o assunto do qual a ciência fala. Esta é a sua dignidade ontológica: servir de assunto. E pode-se falar a respeito desse assunto seguindo a estrutura de uma determinada língua. É por isso que a estrutura da realidade é a estrutura dessa língua. Não há coincidência desse fato. Não há enigma. A estrutura da realidade é consequência da estrutura da língua na qual se fala a seu respeito. (FLUSSER, 2017, p. 172).

No pensamento arqueológico de Flusser, a Idade Moderna foi a responsável pela cosmovisão “delirante” do estar aqui agora que vê, sente, interpreta e manipula seu entorno, sua realidade, seus objetos de uma forma totalmente dogmática; pelos dogmas do cientificismo. E complementa: “e que, como procura da realidade, é a Idade Moderna tempo perdido” (FLUSSER, 2017, p. 160).

Dentro de uma análise etimológica, a palavra alemã para realidade *Wirklichkeit* adquire o movimento sugerido pela “relação” das palavras *wirken* (agir; afetar, ter efeito) + o sufixo *keit* (-dade), como algo dinâmico e que impacta.

Em alemão, o termo *Wirklichkeit* corresponde mais com o latim “actualitas”, em vez de “realitas” e pode ser traduzido aproximadamente como “efetividade”. É portanto definido em oposição tanto a aparência quanto a potencialidade. A definição proposta por mim se aproxima mais do conceito alemão mas reduz-lhe ainda mais o escopo. Essa redução é consequência da minha definição da verdade. Elimina do conceito realidade tudo que ultra-

passa o intelecto. Em outras palavras a minha definição de realidade inclui tudo que pode ser conversado e exclui tudo o que não pode ser conversado. (FLUSSER, 1963, p. 32).

Para Flusser, “realidade não é um dado, como se pressupõe ingenuamente, mas é, muito pelo contrário, o resultado da elaboração de dados”, isto é, envolve processo e gera ambientes (FLUSSER, 1963, p. 32).

Em uma de suas aulas no IBF, o autor apresenta a “conversação” como atividade verificadora do verso (para este artigo – e possivelmente para o pensamento de Flusser – o “verso” é o “gesto”), capaz de desvendar as impressões ilusórias, e defende ser ela um processo de explicação daquilo que está implicado no verso.

Em outras palavras a conversação é realização progressiva daquilo que está contido no verso em forma de projeto. Esta definição é fundamental para a compreensão da situação humana. Desvenda a um tempo o poder e a limitação do homem como ser que pensa. A conversação é um processo de realização, isto é, transforma potencialidade em efetividade. Nisso reside o poder do homem. (FLUSSER, 1963, p. 31).

Sobre o conceito de realidade proposto por Flusser novamente podemos perceber que se trata de um “modelo” que admite as camadas geradas pelos diálogos da cultura na história, isto é, um modelo arqueológico, e talvez esta seja a oportunidade de, ao analisarmos esses dados “arqueologicamente”, possamos construir as realidades que queremos. Parece ingênuo, mas é na realidade a “ação” para nossa liberdade e emancipação.

A diferença entre a definição de realidade proposta por mim, e as definições propostas pela tradição filosófica não é, portanto, aparentemente muito significativa ... Entretanto, acontece que não salientei ainda a maior diferença. Embora cada filósofo que se preze tenha o seu próprio conceito de realidade, geralmente cada filósofo opera com um único conceito, ou para dizer o mesmo em outras palavras, para a maioria dos filósofos existe uma suprema realidade. A definição que lhes proponho admite uma infinidade de realidades. (FLUSSER, 1963, p. 32).

Para concluir sobre o agir em nosso concreto estar no mundo, a pergunta de Flusser: “Mas como é possível este retorno para a realidade?” (2017, p. 178) está sendo respondida.

4. (O modelo que cria realidades)

Disse no tópico anterior que devemos nos preservar em disposição para a decisão em prol de uma fé nova. É necessário, agora, elaborar a técnica para podermos lançar mão dessa disposição efetivamente. A elaboração dessa técnica, dessa absurda decisão em prol de uma ingenuidade deliberada, está dedicada a obra gigantesca de Husserl, dessa figura entre Idades. (FLUSSER, 2017, p.178)

Já sabemos que Flusser coloca em xeque a validade dos modelos científicos, uma vez que “todos têm em comum o fato de serem tautológicos e contraditórios”. Segundo o autor: “explicam tudo a respeito de nada”; modelos são autoritários.

Os totalitários, os que aderiram a um modelo sem reserva mental, desprezam a minha tentativa de me manter aberto. [...] É por isso que estão determinados a eliminar os demais modelos que obstruem o caminho do seu. E este seu modelo, seja nazista ou marxista, se realiza em forma de aparelho. O aparelho é a realização de um modelo. E o aparelho é a prova empírica da validade do modelo. O aparelho funciona, isso prova que é válido e correto. (FLUSSER, 2017, p. 176).

A fenomenologia cria novas realidades, uma vez que o fenômeno oferece a possibilidade da imprevisibilidade, condição que considera o ambiente um agente de transformação.

E complementa:

Não sabem os empenhados (como o sei eu) que isso não é coincidência feliz, nem prova. Não sabem (como o sei eu) que o aparelho funciona porque é consequência de um modelo, e que portanto, não foi o modelo que era adequado ao aparelho mas que é o aparelho que se adequa ao modelo. (FLUSSER, 2017, p. 176).

A existência de ambientes direcionados para infectar a produção científica – modelos científicistas –, que valorizam a repetição do mesmo, a reprodução, a quantidade e promovem o cientificismo, é uma realidade. Só não vê quem não quer.

Ambiente de fundamentalismos são ambientes envenenados. E não nos referimos aqui aos fundamentalismos religiosos tradicionais, mas ao onipotente fundamentalismo do maior senhor do nosso tempo, o capital, um deus titânico para o qual não há lei nem justiça, apenas poder. (BAITELLO, 2019, p. 67).

Fundamentalismo é uma palavra que vem de *fundamentum* no latim e trata-se de um movimento que declara seus dogmas como verdades absolutas, e isso nos lembra Platão e suas formas perfeitas e abstratas ou Descartes e sua *Mathesis Universalis*.

O que estamos querendo dizer é que modelos pensados a partir de um único ponto de vista, objetivo, “fundamental” e “abstrato”, incorrem no erro óbvio de não enxergar a realidade como uma construção dinâmica e apresentar soluções “solucionistas”, isto é, aquelas que não criam soluções estruturais, mas apenas reparam os danos e efeitos; aquelas que interessam à indústria e ao capital.

Cabe aqui um paralelo ao termo cunhado por Evgeny Morozov, o “solucionismo”, uma lógica originária do Vale do Silício e transcendida pelas elites dominantes que propõe solu-

ções tecnológicas rápidas e pontuais para problema em geral e pouco dispostas a discutir mudanças de fundo.⁴

Encarando este cenário, construído principalmente pelos modelos objetivos e que parece atingir seu ápice neste presente,⁵ quando claramente nos posicionamos separados do nosso *Lebenswelt*, distantes da realidade, do nosso “concreto estar no mundo”, Flusser se apresenta urgente e atualíssimo ao propor a fenomenologia como “programa” para modelos de acesso ao mundo, para o conhecimento.

Temos que admitir que o concreto é o fato que estamos no mundo. Esse nosso estar no mundo é um campo composto de relações, um tecido relacional cujos fios nos ligam a tudo, e ligam tudo a tudo. Tais relações são o que é o concreto (a realidade *tout court*), e todo o resto (nós próprios e os objetos que nos cercam) são abstrações deste dado concreto, “conceitos”. (FLUSSER, s.d-2, p. 48).

Para Flusser, quanto mais relações criarmos ao nosso redor, mais concretamente estaremos atuando no mundo, e o encantamento dessa “nova” postura é o fato de ela permitir as relações de mão dupla, pontos de vista reflexivos e naturalmente mais gestos e os diálogos com o corpo.

Em consequência está sendo elaborado em toda parte um novo ponto de vista (que é novo apenas no sentido de deliberadamente assumido para superar a crise). É o ponto de vista de quem não procura transcender o mundo, mas assumir-se enquanto mergulhado dentro do mundo. A elaboração de tal ponto de vista, e de modelos projetados a partir de tal ponto de vista, é o programa da “Fenomenologia”. Pois os modelos que vêm sendo propostos sob tal perspectiva nova modificarão nossa cosmovisão radicalmente. Por exemplo, a nossa visão do corpo humano.⁶ Não mais será visto como um entre os vários objetos do mundo que nos cerca, mas uma maneira de “estarmos-no-mundo”, isto é, vivenciarmos e manipularmos os objetos que nos cercam. (FLUSSER, s.d-7, p. 84).

A fenomenologia cria novas realidades, uma vez que o fenômeno oferece a possibilidade da imprevisibilidade, condição que considera o ambiente um agente de transformação (FLUSSER, 2019, s.d-2).

Ao mesmo tempo, a abordagem fenomenológica proposta por Flusser estabelece uma mudança de perspectiva quando nos assumimos mergulhados no mundo, junto a outros entes, sabendo já que a separação sujeito/objeto não é possível e entendendo que o conhecimento se dá nas relações dinâmicas entre estes entes (eu e o mundo).

4. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>.

5. Covid-19.

6. Ao citar o corpo humano neste artigo, originalmente uma aula para a NYU e enviado em português para o artista Gabriel Borba (sem data no Arquivo Vilém Flusser São Paulo, mas provavelmente meio dos anos 1970), o qual posteriormente Gabriel intitulou-o de “Modelos Mudam”, parece-nos que Flusser inicia uma abordagem para sua teoria dos gestos.

Sujeito e objeto podem ser distinguidos pela intenção da relação. Eu me torno um sujeito do conhecimento (conhecedor) se houver uma intenção, e a coisa lá se torna um objeto de conhecimento, se esta intenção apontar para ela. Não existe outro critério para a distinção entre homem e objeto no mundo. O homem se torna real se sua intenção é sentir o mundo. O mundo se torna real se se pretende que ele seja conhecido. (FLUSSER, s.d-8, p. 6).

Ao inserir o corpo como lugar de ponto de vista, nosso autor desafia o “fenomenológico” de Husserl para além da observação contemplativa:

—

Flusser defende desde os anos 1960 o “reconhecimento” como condição *sine qua non* para uma existência concreta e que podemos resumi-lo de forma muito sintética em uma frase talmúdica usada como título de um de seus ensaios: “Ama teu outro como a ti próprio”

—

Sendo assim o homem está sempre no centro do mundo. Cada homem. Porque ele é o ponto de onde todas as relações fluem. Aonde eu estou, lá é o centro do mundo. Mas eu nunca estou sozinho: sempre existem outros comigo no mundo. Eles são excêntricos em relação a mim e eu sou excêntrico em relação a eles. Nós vivemos no centro de mundos diferentes. Mas estes mundos se sobrepõem: outros estão no meu mundo, e eu no deles. É possível “identificar” o ponto de vista de outros, uma vez que é possível me “reconhecer” no outro. O reconhecimento não é conhecimento. É um tipo diferente de relação. Porque no conhecimento existe um objeto, enquanto no reconhecimento existem apenas sujeitos; fenômenos. Reconhecimento é intersubjetivo. (FLUSSER, s.d-8, p. 6).

Podemos afirmar então que Flusser defende desde os anos 1960 o “reconhecimento” como condição *sine qua non* para uma existência concreta e que podemos resumi-lo de forma muito sintética em uma frase talmúdica usada como título de um de seus ensaios: “Ama teu outro como a ti próprio”.

Ao propor “ama teu outro como a ti próprio”, o autor está apontando em direção a uma teoria da comunicação que destaca a construção de intersubjetividade, um modelo antropofágico no sentido simbólico de devoração do outro.

Referências bibliográficas

BAITELLO Jr., N. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO JUNIOR, N. Sete interrogações para a ciência contemporânea. **Revista Cronos**, UFRN, Natal, v. 20, n. 1, jan./jun. 2019.

BORNHAUSEN, Diogo Andrade. **A Mídiação da Memória: Projeções, regulações e sujeições no ambiente digital.** 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19564>. Acesso em: 9 set. 2020.

DABDAB, Roberta; BAITELLO JUNIOR, Norval; MENEZES, José Eugênio de. “As crateras de Itabira”. Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser sobre a ecologia. **Líbero** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, ano XXIII, n. 45, p. 12-26, jan./jun. 2020. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/Revista_Libero_edicao_45_final.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

FLUSSER, V. **Da Realidade.** (1963, p. 31- 35). Courses 9_2-DUVAB. Da Dúvida e Do Absurdo – Curso IBF 63. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1399. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Naturalmente.** Vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

FLUSSER, V. **O último juízo: geração II: castigo e penitência.** Organização Rodrigo Maltez Novaes, Rodrigo Petronio. São Paulo: É Realizações, 2017.

FLUSSER, V. **A ciência na nossa situação.** (Sd-1, p. 104-113). Essays 1_Portuguese-A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. A verdade dos modelos I. (Sd-2, p. 45- 49). Essays 1_Portuguese- A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. A consumidora. (S.d-3, p. 126-136). Essays 1_Portuguese- A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Ame teu outro como a ti próprio.** (Sd-4, p. 90-91). Essays 2_Portuguese-A_ABER- AUT. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Da Dúvida.** (Sd-5, p. 69-76). Essays 5_ Portuguese -D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1569. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Enjaulados pelas coisas.** (Sd-6, p. 65-70). Courses 1_2-IPEA. Influencia do Pensamento Existencial sobre a Atualidade. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1391. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Modelos Mudam.** (Sd-7, p. 83-89). Essays 12_Portuguese- M. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1576. Acesso em: 28 agosto 2020.

FLUSSER, V. **Phenomenology: a meeting of west and east?** (Sd-8, p. 2-7). Essays_ English- P-R. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1539>. Acesso em: 28 agosto 2020.

SILVA, Fernando Siqueira da; CATELLI, Francisco. Os modelos na ciência: traços da evolução histórico-epistemológica. **Revista Brasileira de Ensino da Física**, v. 41, n. 4, 2019. Disponível em: www.scielo.br/rbef. Acesso em: 10 out. 2020.

Data do recebimento: 28/05/2020

Data de aceite: 13/10/2020

Dados dos autores:

Roberta Dabdab

<http://lattes.cnpq.br/0623364080540678>

Fotógrafa, pesquisadora. Graduada em Comunicação pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Mestre e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde pesquisa a autonomia e a comunicação imagética dos jovens. Bolsista Capes. E-mail: robertadabdab.9@gmail.com

Diogo Andrade Bornhausen

<http://lattes.cnpq.br/7225692684210668>

Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Diretor de Pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (PUC-SP) e do Grupo de Estudos da Complexidade (UFRN) e Professor da Faculdade Armando Álvares Penteado. E-mail: diogobornhausen@gmail.com